

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 199 — Domingo, 31 de Março de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Hora de Verão

Às 2 horas do dia 7 de Abril, domingo próximo, os relógios adiantarão 60 minutos, começando assim a vigorar a Hora de Verão, que se manterá até ao dia 6 de Outubro.

AVENÇA

FRATERNIDADE LUSÍADA

TODA a Imprensa brasileira comenta a próxima viagem do senhor Presidente da República, general Craveiro Lopes, àquela Pátria Irmã, evocando os laços de fraterna amizade que se fundamenta no mesmo berço histórico. Ao mesmo tempo, põe em destaque a forma como foram recebidos em Portugal os presidentes Café Filho e dr. Juscelino de Oliveira, em volta dos quais o povo por-

tuguês deu largas aos seus sentimentos de alta consideração e estima pelo povo brasileiro, representado pelos insignes visitantes.

Esta amizade, cujos laços se estreitam cada vez mais, tem tido a sua repercussão internacional e fundamenta uma força ao serviço da lusitanidade, da defesa da Civilização Ocidental e da Paz, no Mundo.

Não podemos deixar de recordar, agradecidos, a atitude do Brasil no caso de Goa, vibrando em uníssono com os portugueses, perante o acto insólito da União Indiana; não podemos deixar também de recordar a nobre atitude do Brasil, ainda recentemente na Assembleia internacional da O. N. U., repelindo as pretensões dos países comunicados sobre os territórios ultramarinos portugueses. Foi atitude digna, fraterna, da mais legítima defesa da comunidade lusíada, destruindo com o exemplo concreto de uma Nação, filha de Portugal, a atoarda da incapacidade civilizadora de Portugal.

Estes exemplos documentam os laços de solidariedade que existem entre as duas Pátrias e que vai atingir o momento zenital na vida dos dois povos, momento de transcendente importância internacional,

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

RICHARD NIXON



AS recentes missões ao estrangeiro de que foi incumbido vieram chamar a atenção sobre o Vice-Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, e por isso o trazemos hoje à nossa galeria.

Para nós, portugueses, o que de mais curioso nos apetece lembrar, quanto à figura e craveira de Nixon é que, tendo ele tido, por várias vezes, oportunidade de se referir a Nehru pouco lisonjeiramente, não deixou de o receber sorridentemente e de lhe prestar as honras da casa quando este visitou, recentemente, os Estados Unidos. Por certo, a atitude de Nixon é uma das muitas — contraditórias e aparentemente absurdas — que a política internacional dos nossos dias, pouco coerente e ostensivamente oportunista, exige e a que os homens se prestam.

Longe vai o tempo de Egas Moniz ou de Afonso de Albuquerque...

Texto e linóleo de

José dos Santos Marques

UMA NOTÁVEL CONFERÊNCIA DO DR. VICTOR DE SÁ:

“O PAPEL DAS BIBLIOTECAS NA PROFILAXIA MENTAL”

A CONVITE da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no passado dia 21, no salão nobre do Clube dos Fenianos Portugueses, o sr. dr. Victor de Sá, nosso distinto colaborador, proferiu uma valiosa conferência sobre um dos prin-

cipais problemas da cultura portuguesa, abordando-o com a sua costumada clareza e inteligência, num estudo profundo.

Os principais pontos desenvolvidos foram os seguintes:

As coordenadas do tempo presente como implicando uma mentalidade adequada. Conexões do progresso mental com o progresso técnico e científico. O anacronismo nas ideias, como nos costumes. O problema das mentalidades — seu condicionamento his-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOTÍCIAS & APONTAMENTOS

O FUNCIONAMENTO de um Centro de Assistência Social Polivalente em Vila Real de Santo António é um problema que está preocupando seriamente a nossa Câmara Municipal.

Que o assunto não ficará num simples plano ou mero anseio irrealizável revela-o o facto de um valioso grupo de vilarealenses estar já a trabalhar no sentido de o tornar em proveitosa realidade.

Sem que de qualquer modo queiramos menosprezar as intenções e actividades das várias organizações existentes nesta vila, ocorrem-nos, todavia, a seguinte pergunta: — não seria oportuno e útil congregar no referido Centro de Assistência as diversas obras be-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

CARTA DE LONGE

MACAU E O PLANO DE FOMENTO

O Plano de Fomento, de que tanto se fala e tantas discussões tem provocado, está muito longe, pelo menos aqui em Macau, de atingir o fim para que foi criado.

Quando tivemos conhecimento dessa grande iniciativa do Governo central, ainda com as ilusões que nos restam, julgámos que qualquer coisa fora do vulgar se iria passar, a concorrer para o desenvolvimento económico e financeiro desta província. Mas, ao contrário do que pensámos, nada se verificou, até hoje, que

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



ASPECTOS DA COSTA DO ALGARVE (ALBUFEIRA)

CARTA DE LONGE

valha a pena citar, apesar de já se terem gasto alguns milhões de patacas.

Em nosso entender, fomentar o progresso desta província é do-

por

J. DE CARVALHO E RÉGO

tá-la de condições que possam desenvolver o seu comércio, a sua indústria, o seu urbanismo, o seu turismo e pouco mais, atendendo ao seu diminuto território.

O caso de Macau é absolutamente «sui generis»: não tem pontos de contacto com qualquer outra terra do ultramar português, pois apenas como entreposto de mercadorias o seu comércio pode viver e progredir; quanto à indústria, ela só poderá ter incremento desde que lhe dêem condições de vida e facil-

Dr. Durão Ferreira

Encontra-se em França, aonde foi tratar de assuntos relacionados com o comércio das conservas de peixe portuguesas, o sr. dr. António Ladislau Durão Ferreira, ilustre Director do I.P.C.P., que neste organismo de coordenação económica tem exercido uma acção que pode classificar-se de verdadeiramente brilhante.

Segundo notícias vindas a lume na imprensa francesa, o sr. dr. Durão Ferreira tem sido alvo de significativas e honrosas homenagens por parte de destacados sectores da indústria e do comércio daquele país.

COM A CHEGADA DA PRIMAVERA

COMEÇARAM EM VILA REAL DE STO. ANTÓNIO GRANDES OBRAS DE EMBELEZAMENTO

A PRIMAVERA chegou, o vento abrandou e o calor fez a sua aparição, fazendo com que todos os cafés pusessem as mesas e as cadeiras na rua, o que na nossa vila significa, mais certo do que no calendário, a chegada da Primavera.

As laranjeiras plantadas na Praça Marques de Pombal, agora já de porte gracioso e frondosas, começaram a florir e a exalar um perfume delicado que nos faz aspirar de nariz para o ar, felizes da vida.

As tardes tornaram-se calmas, silenciosas e de uma tristeza tão enternecedora a que o pôr-de-sol, ralado de vermelho, põe o ponto final.

Com tudo isto, a vila sentiu-se feliz; distendeu os braços, pestanejou, deixando o sono hiber-

dades, de toda a ordem, no seu estabelecimento. Como se vê, o problema é de tão fácil solução que só por motivos incompreensíveis se mantém latente.

O estabelecimento de uma carreira de navegação entre Macau e Timor seria o mais acertado início das realizações do Plano de Fomento. Estas duas províncias, tão perto e tão distantes, completar-se-iam, se, por todas as formas, se aproximassem. Tudo o que Timor necessita poderia ser fornecido por Macau; assim como

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR o que é de César

TÍNHAMOS ficado a falar daquele empedido das cinzas da primeira Casa do Algarve; mais precisamente, naquele ponto em que oferecíamos à contemplação do sr. Antero Nobre o recortezinho duma carta publicada num jornal de Silves.

A luz radiosa estava prejudicando tanto os trabalhos dos reorganizadores da nova Casa que estes acharam mais prudente constituir uma comissão pró-Casa dos Algarves, em vez de pró-Casa do Algarve! Este facto, que se constata pela simples consulta dos jornais da época, é bastante eloquente...

Conto Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Cena da rua

A caixa, batida ritmadamente, parece rir sardonicamente. Estranho! Não me diz nada esta gargalhada no subterrâneo. A caixa dos meninos do asilo que, por volta do meio dia, passam para o refeitório, bate mais rápido, mais em nervos. Chego à janela. No meio do passeio, um homem de barba negra, cerrada, mal vestido, desgasta uma peneira coberta de bexiga de porco. Ao som dela é que um macaco faz suas diabruras. Salta, equilibra uma vara no tuitiço pelado, gesticula momices de gaiato pequeno aos transeuntes, que param e deitam cobres na bóina do funámbulo.

Findo o acto, o mono posta-se diante do seu dono. Ninguém o arreda dali. Nem o quase ficar atropelado por um camião. O amo, lentamente, revolve na algibeira. Tira, finalmente, dois amendoins de que o saquim, num abrir e fechar de olhos, dá conta. Eu não gosto de histórias de onde se extraia uma moralidade. Mesmo que a extracção seja indolor. As fábulas seriam histórias adoráveis, se não fossem os dois versos finais, à La Fontaine. Guardo-me, pois, de tirar desta cena qualquer con-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

COMPARTICIPAÇÕES

PARA OBRAS DE CONSERVAÇÃO

DE EDIFÍCIOS ESCOLARES

Pela Direcção Geral de Conservação de Edifícios e Monumentos Nacionais, foi concedida a Vila Real de Santo António a quantia de 44.716\$00, para conservação de edifícios escolares.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

EMBORA o facto possa parecer quase único, não tenho automóvel. E não o tenho, porque não quis. Não para me tornar excêntrico, pretender ser diferente do vulgo, mas porque não consegui comprar, apesar de toda a minha boa vontade e desejo, um carro como gostaria de o ter.

Também aprecio as comodidades da vida e o luxo não me deixa indiferente, pois não estou imune dos defeitos humanos: sou san-

to apenas no nome. Simplesmente, nunca pude conseguir o automóvel que verdadeiramente ambicionava.

O leitor está, provavelmente, cheio de curiosidade e terá dito, de si para consigo: será possível que este maduro, com tantos e tão variados modelos de carros (como se diz agora, com ar de desprezo), não tenha encontrado um que lhe sirva, mesmo sem calçadeira?

A culpa é minha, sem dúvida, amigos. Sou eu que não sei expressar-me convenientemente, pois não foi isso que pretendi dizer.

Se não tenho automóvel é porque sempre pensei adquiri-lo a pronto, toma-lá-dá-cá, e para esta transacção, confesso, nunca tive dinheiro que chegasse.

E só por isto — que grande trouxa que eu sou! — não tenho um carro.

Mas, afinal, que representa um automóvel em nossa vida?

Modernamente, tudo. Ter carro

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

“NOTÍCIAS DO ALGARVE”

O nosso prezado colega «Notícias de Macau», o mais importante diário em língua portuguesa que se publica naquela nossa província ultramarina, teve a gentileza de transcrever uma das últimas «Cartas de Longe», publicada neste jornal, da autoria do nosso estimado correspondente sr. José de Carvalho e Régio, em que este escritor e jornalista nos dá conta, com o costumado brilho e clareza, de vários aspectos da vida progressiva daquela parcela de Portugal no Extremo Oriente. Agradecemos.

GRALHA

No artigo sobre o «Ensino Primário», publicado no número 198 deste jornal, da autoria do nosso distinto colaborador sr. dr. Victor de Sá, saiu lamentavelmente gralhado o respectivo título: Em vez de «O Problema da sua Extinção», deverá ler-se «O Problema da sua Extensão».

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Olhão, onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel José Dias.

Esteve em Lisboa, com curto espaço de tempo, o nosso prezado amigo sr. César de Almeida Machado.

Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. João-Eusébio D. Botequilha, nosso prezado assinante em Lisboa.

Regressou de Beja, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo e assinante sr. António da Cruz Martins.

Encontra-se em Souzel, onde fixou temporariamente residência, o nosso prezado amigo e assinante sr. Flaminio José Gil, funcionário da F. N. I. M.

Em estado grave, seguiu para Lisboa a sr.ª D. Hermínia Viagas Padesca, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Júlio do Carmo Padesca.

Doente

Encontra-se gravemente enfermo, em Lourenço Marques, o nosso prezado amigo e assinante sr. furriel José Herculanio Leiria.

PELA VILA

Correio tardio

EM referência a uma local publicada no nosso número de 18 de Novembro de 1956, em que reclamávamos pela hora tardia a que são distribuídas as correspondências na nossa vila e, bem assim, pelas demoras a que estão sujeitos os usuários na estação dos correios, recebemos do Secretariado Nacional da Informação o seguinte comunicado, que gostosamente publicamos:

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral daquele Organismo (CTT) que as demoras que, em certos dias, se verificam na distribuição de correspondência resultam dos frequentes atrasos do comboio correio, ou do aumento accidental do volume de correspondências.

Todavia, na revisão da posta urbana e rural do concelho de Vila Real de Santo António, será estudada a possibilidade de melhorar este serviço.

Quanto às esperas a que o público está sujeito na estação daquela localidade, esclarecem os C. T. T. que as dotações das suas estações são fixadas em função do tráfego e este avaliado, mês a mês, em unidades de tempo e de trabalho calculadas com todo o rigor.

Assim, tendo sido a dotação da estação de Vila Real de Santo António reforçada nos meses de verão, em que o tráfego aumentou, foi reduzida em Novembro porque ela diminuiu e, porque os reparos do jornal se reportam a este mês, é de admitir que qualquer esporádico acréscimo de tráfego tenha produzido alguma perturbação no serviço dos postigos, que não foi possível remediar acto contínuo.

Presentemente, está a situação normalizada.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

clusão moral. Mas aqui só para nós: não é verdade que, por vezes, ouvindo o que alguém diz — ou vendo o que alguém faz, não nos surge imediatamente à ideia a cena do macaquinho à espera do amendoim?

Parentesco súbito

A Maria Amélia. Um coro, e só a Maria Amélia calada. — Amélia, não cantas? — Não sei... — Ora! Não me digas que não sabes.

Pôs-se muito vermelha. E confessou: — Não tenho voz... Não sou capaz...

Mostro-lhe que a voz não impede o pardalinho de piar; nem o tentilhão de pôr sua garganta ao lado da do rouxinol. Vencida pela dialéctica, a Maria Amélia encetou um voo medroso. Era verdade. Não sabia ligar duas notas. E, no entanto, conhecia a letra de fto a pavio.

A Maria Amélia é uma menina rica. Filha única. Vive numa casa enorme. Faz medo olhar para uma casa tão grande. Deve ser difícil vencer uma arca, como aquela, cheia de solidão. Que não lhe dá jeito cantar, sózinha. Lá em casa, nunca ouviu ninguém cantar.

— Mas que fazes tu, Amélia, que fazes tu quando estás em casa? — Estudo. — Não estudas sempre. — Leio. E... — E... — Nada. — Está certo. Não quero obrigarte.

— Faço versos. — E não querias dizer, Amélia? Eu também os faço... A confidência distendeu-lhe a alma num sorriso calmo, luminoso. E quando parte, volta-se duas vezes para me dizer adeus.

Para sobremesa, esta

Deixa-me dizer, Manuela, que és extremamente ingénua e simples. Acreditas, como o filósofo gaulês, que o bom senso está muito bem repartido. Acreditas nisso, firmemente. E quando te aparece alguém de esconso, dá-te por roubada e por ofendida pessoalmente. Depois dizes que é uma tristeza vaga, etc.

Supunhas que a querela a respeito da superioridade masculina nos domínios da inteligência estava definitivamente ultrapassada. Supunhas que a valorização da mulher, como ser pensante, representava uma inesfável conquista para o aperfeiçoamento moral da humanidade e que tal facto era já universalmente aceite. Supunhas que todos os homens preferiam viver com uma mulher, em vez de conviver com uma escrava. Qual não foi o teu espanto quando, ao folheares um livro de Alvaro Ribeiro, leste o seguinte:

«A mulher muito inteligente vai-se tornando ou feia ou má. «O homem, demitido da sua função de chefe de família ou de cabeça do casal — pois nunca devemos esquecer que chefe significa aquele que pensa — sofre na vida doméstica, ou nas relações mundanas, uma humilhação terrível, de que há-de compensar-se humilhando os seus inferiores e, mais ainda, os seus semelhantes». Texto peregrino! Não se sabe se o que ele desperta é a cólera, o riso ou a pena. Nem se sabe que mais lastimar: se o filósofo, que tão mal razoou; se o psicólogo, que pessimamente analisou; se o cientista, que tão aereamente concluiu; se o homem, que tão baixo desceu.

Calma, Manuela. Não há possibilidade de pontar o texto a sério. Porque de todo em todo me faldou a Natureza a veia humorística, com que fartamente guarneceu certos filósofos, desisto de tratar o assunto. Não antes, porém, de sublinhar que o que demite certos homens da sua função de chefes não é a inteligência das mulheres, mas sim a sua falta de inteligência, deles.

Maria Manuela Nunes

SEMANA SANTA EM AIAMONTE

Informamos os nossos leitores de que foram superiormente autorizadas, pelas entidades dos dois países, facilidades de trânsito na fronteira de Vila Real de Santo António, no próximo mês de Abril, nos dias 16 a 20, por ocasião das solenidades da Semana Santa.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 11 de Abril de 1957, por onze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução fiscal que a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Aljustrel move contra João Pereira Lopes e seu fiador José Luis Mira, residentes em Montes Velhos-Aljustrel, há-de proceder-se à arrematação, em hasta pública, dos prédios a seguir designados, pelo maior lance oferecido acima dos valores, respectivamente, indicados:

PRÉDIOS

1.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, com árvores, no sítio do Barranco do Pé Queimado, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na competente matriz sob o art.º n.º 2.787 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob n.º 7.288, a fls. 151 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 150\$00.

2.º) O direito a uma sexta parte de uma morada de casas térreas, com dois compartimentos, ramada e palheiro, sita no lugar da Ladeira do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 1.194 e descrita na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob n.º 7.229 a fls. 151 v.º do livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 96\$00.

3.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, no sítio do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o n.º 2.779 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.280, a fls. 152 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

4.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra de semear e matosa, no sítio da Ladeira do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, inscrito na respectiva matriz sob o artigo n.º 2.783, e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.231, a fls. 152 v.º, do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 720\$00.

5.º) O direito a 1/12 avos de uma courela de terra várzea, no sítio do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o artigo n.º 2.790 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.292, a fls. 153 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, 60\$00.

São por este citados quais quer credores incertos ou desconhecidos, nos termos da Lei.

Vila Real de Santo António, 28 de Março de 1957.

O Chefe da Secção de Processos, a) António Figueiras da Cruz. Verifiquei:

O Juiz de Direito a) Francisco Nunes Correia.

FALECIMENTO

No passado dia 25 do corrente, faleceu em Setúbal, onde se encontrava havia já bastante tempo, a sr.ª D. Francisca da Encarnação Chumbito Ruivinho, de 50 anos de idade, natural desta vila.

A saudosa extinta era esposa do sr. António dos Anjos Ruivinho, conceituado comerciante da nossa praça, e mãe do sr. António João Chumbito Ruivinho, cadete da Escola do Exército.

A família enlutada o «Notícias do Algarve» apresenta a expressão sincera do seu sentido pesar.

PROVINCIA

TAVIRA

Um Benemérito

Com 95 anos, completados em Dezembro, faleceu em Lisboa, no passado dia 11, o ilustre prof. dr. Augusto da Silva Carvalho.

Nascido em Tavira, necessário se torna referir, também, a dedicação, por mais de uma vez demonstrada, pela cidade que lhe fora berço e em favor da qual, por mais de uma vez, teve valiosos gestos de benemerência. Avulta, entre eles, o importante legado de 1.800 contos que, em testamento, agora conhecido, fez à Santa Casa da Misericórdia de Tavira. Por este facto, sabemos estar já definitivamente assente a louvável iniciativa de se lhe erguer um monumento no largo que enfrenta o Hospital da Misericórdia.

Ponte do Almagem

Começaram há dias os trabalhos de demolição desta ponte, situada ao quilómetro 136,600, na Estrada Nacional n.º 125-1.ª, entre Conceição e Tavira, que liga Faro a Vila Real de Santo António. Tudo leva a crer que, desta vez, se começou a reparar esta via, que tem estado fechada ao trânsito, Oxalá que, também num futuro próximo, se dê início aos trabalhos de alargamento da ponte romana de Tavira, que se para a cidade, visto a mesma não oferecer condições em face do seu muito trânsito.

Melhoramentos

Pelos C. T. T. foi criado um Posto Público de telefones no sítio das Quatro Águas, tendo o mesmo ficado

ACTIVIDADES REGIONALISTAS ALGARVIAS

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou na última reunião:

Felicitar a delegação da Beira (Mocimboque) — «Casa do Algarve de Manica e Sofala» — pelo grande melhoramento recentemente introduzido na respectiva sede, com a inauguração de uma esplanada, artisticamente decorada, para reunião da importante colónia algarvia local;

Aprovar uma proposta da Comissão de Desportos, no sentido de se instalar na sede da agremiação um serviço de inspeções dos associados ou seus filhos menores inscritos, para a prática de desportos, dirigido por um médico sócio ou amigo da Casa, que para tal se ofereça.

FRATERNIDADE LUSÍADA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quando no dia 10 de Junho — Dia da Raça — em terras do Brasil os dois Presidentes, na mesma sessão solene, vincularem, mais uma vez, os laços fraternos que unem a Comunidade luso-brasileira, força que se impõe no tempo e no espaço, que se estende desde a América aos confins da Ásia, que engloba milhões de indivíduos unidos, e conscientemente unidos, pela língua, pela tradição, pela religião, pelos alicerces de uma civilização que é preciso defender contra todos os inimigos declarados ou acobertados sob falsas doutrinas e atitudes.

J. Estêvão Pinto

ETELBERTO - Cabelleiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executa os mais actualizados penteados pela — técnica mais moderna — Permanentes a frio, Quentes e Mornas Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas Desfrisa cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Março:

Entrados:

MIRA TERRA, de 562 ton., e ZÉ MANEL, de 926 ton., Portugueses, ambos de Lisboa, vazios. SCHWANECK, Alemão, de 1298 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.

Saídos:

PRIMERO, Marroquino, para Port Lyautey, com pessoal para as armações. MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 30 de Março a 5 de Abril, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito, Telefone 31.

Concurso de «O melhor artigo sobre a Costa do Sol»

Pela Junta de Turismo de Cascais, foi aberto o concurso de «O melhor artigo sobre a Costa do Sol», para o qual foi criado um prémio de 5.000\$00, sendo admitidos os trabalhos pela primeira vez publicados de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1957, de que serão entregues 7 exemplares, até 31 do mês de Janeiro de 1958.

Para mais esclarecimentos, dirija-se à referida Junta de Turismo de Cascais.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, secção de processos, correm éditos de 60 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o réu Manuel Martins, casado, jornalista, ausente em parte incerta do Alentejo ou da cidade de Lisboa, com última residência conhecida no Monte dos Castelhanos, freguesia de Castro Marim, desta comarca, para no prazo de 10 dias, posterior àquela dilacção dos éditos, contestar, querendo, a acção de processo sumário movida por José Pedro Pires Parra, residente em Castro Marim, para pagamento da quantia de seis mil escudos e o mais legal.

Vila Real de Santo António, 15 de Março de 1957.

O Chefe da Secção de Processos, a) António Figueiras da Cruz. Verifiquei:

O Juiz de Direito, a) Francisco Nunes Correia

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Seja económico Poupe muito dinheiro PREFIRA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO Telefone 59 Apartado 3

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

Foto-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAFIA ZINCO-GRAVURA E DESENHO



Secção orientada por DAVID LOPES

Comentário Cinematográfico

O DESENHO ANIMADO AMERICANO (2)

COM o nascimento da U. P. A. (United Productions of America), fundada pelos desenhadores Busostov e Canon, emigrados dos estúdios de Walt Disney, levantou-se a mais séria reacção contra o «mago dos desenhos animados».

As características novas dos desenhos da U. P. A., a sua originalidade, não só são entusiasticamente aceites pelo público como, de certo modo, vão influenciar (pelo menos formalmente) o desenho animado americano.

Busostov e Canon, discípulos do grande caricaturista americano Saul Steinberg, e influenciados por ele, pretendem repór o desenho animado nas suas características verdadeiramente humanas. Nos seus desenhos não há, jamais, animais humanizados, nem a exploração dos «gags», já tão estafados e cansativos, nem as grandes, e por vezes fastidiosas, produções de Disney.

Os heróis de Busostov são humanos... e bem humanos. Há alguém que não se lembre de Mr. Magoo (sr. Pitosga), de Gerald Mac Boing Boing (Menino Buzina) e da Menina Madalena? Por certo que não. A simplicidade, e ao mesmo tempo a consistência das histórias da U. P. A., não passou despercebida a ninguém. Creio, mesmo, que começaram a ser preferidas pelo público, porque, acima de tudo, as histórias da U. P. A. contêm normalmente um fundo moral. Esta é, sem dúvida, a primeira grande diferença que opõe os desenhos de Busostov às criações «cor de rosa» de Disney e às manifestações de sadismo dos muitos super-animais da tela.

Busostov, através de Mr. Magoo, o seu mais popular herói, caricaturiza a sociedade actual: uma sociedade anárquica e convulsiva; uma sociedade dos turbulentos anos de 50. Mas Mr. Magoo salva-se. Mantém-se inocente e puro. A sua miopia impede-o de ser absorvido pela engrenagem social, opondo-o portanto a essa sociedade, porque, na realidade, Mr. Magoo, não se apercebe do que, de facto, se passa à sua volta. Para Magoo há ordem no universo, tudo está certo, visto aparentemente ele resolver sempre os seus problemas. Mr. Magoo é uma mensagem de esperança para o intranquilo homem moderno. É um símbolo. Ele continua de pé firme, lutando confiante, e recusando-se obstinadamente a reconhecer que o mundo está torto. As suas inquietantes aventuras, apesar da sua simplicidade (às vezes aparente), merecem reflexão. E reflexão merecem, também, tantas outras histórias da U. P. A., como «O Unicórnio no Jardim», «A Menina Curiosa», «O Coração Revelador», «O Rei vai nu» e o «Menino Buzina».

Sob o ponto de vista estético e formal, as criações da U. P. A. são, sem dúvida, mais originais e superam o tradicionalismo «barro-

quista» de Walt Disney. Não quero ser temerário ao afirmar que algumas correntes da pintura moderna, especialmente o cubismo, têm influenciado benéficamente os desenhos de Busostov e Canon. Essa influência está bem patente no inteligente aproveitamento da cor e da perspectiva visual (tendente a deformar-se para uma melhor visão das coisas), seguindo a qual os objectos não são apresentados.

Na verdade, a U. P. A. abriu indiscutivelmente novos caminhos ao desenho animado. Uma das suas mais interessantes influências está bem nítida no filme de desenhos «O Estudante Sonhador», da Warner Bros.

É de lamentar que a pesada máquina económica de Walt Disney tivesse contribuído para que esta associação de artistas independentes se dissolvesse. (Busostov voltou a trabalhar sob as ordens de Disney). Mas a U. P. A. não morreu. A sua direcção foi tomada pelo desenhador canadiano Mac Laren, que herdou o indiscutível estilo de Busostov. E esperamos, firmemente convencidos, que continuará a produzir bons frutos.

David Lopes

CONSIDERANDO...

UM PROBLEMA A ENTENDER por Candelas Nunes

A viabilidade de criação de cine-clubes, na maioria das cidades e vilas portuguesas, está em grande parte dependente da cedência das salas de exibição das empresas comerciais, porquanto se lhe torna economicamente impossível o arranjo de salas próprias para exibirem os seus filmes. Em muitas terras esse problema foi já resolvido, de modo satisfatório; noutras, porém, ele é ainda, infelizmente, o principal entrave ao desenvolvimento cine-clubista que todos desejamos. O caso é tanto mais para lamentar, porque não tem razão de ser. Só uma visão errada dos factos e um desconhecimento total da função cine-clubista pode levar as empresas de exibição de filmes a opor resistência à cedência das suas salas. De forma alguma poderão os cine-clubes prejudicar comercialmente tais empresas, já porque as sessões cine-clubistas não são de exploração comercial, já porque os filmes a exhibir, na maioria filmes quasi que exclusivamente destinados aos cine-clubes, dificilmente poderão vir a correr nessas salas em sessão comercial.

Acresce ainda que o cine-clubista forma espectadores, o que de forma alguma se poderá considerar prejudicial aos interesses económicos de tais empresas. Um espectador que pague a sua quota mensal no cine-clubista não deixará, por isso, de assistir às outras sessões no cinema da terra. A sua cultura cinematográfica

UMA CAUSA NOBRE EM MARCHA PATRIMÓNIO DOS POBRES

DISCORDANDO ABERTAMENTE

Apesar das múltiplas dificuldades surgidas, as casas do Património dos Pobres da nossa freguesia são já uma consoladora realidade.

As palavras de incitamento que nos têm sido dirigidas e os generosos auxílios que nos têm sido prestados constituem uma demonstração iniludível da aceitação, interesse e carinho pela obra, da parte dos habitantes da nossa terra. Dão, assim, mais um testemunho elegante e digno do seu elevado espírito de solidariedade cristã.

Os donativos recebidos são precedentes de pessoas de todas as condições sociais. Constitui este facto uma prova concludente do interesse geral pela obra.

Encontrámos, logo no início, um insigne benfeitor da nossa terra que nos ofereceu o custo de uma casa (25.000\$00, pouco mais ou menos). É com suma satisfação que informamos não ficar aquele nobre gesto como caso único. A esposa do ilustre deputado sr. engenheiro Sebastião Ramirez, Ex.^{ma} senhora Dona Maria Isabel Roldan de Ramirez, cujas nobres virtudes de coração nunca serão suficientemente enaltecidas, quis, também, contemplar generosamente o Património dos Pobres da nossa terra com a oferta de uma moradia.

Ao tornarem pública esta notícia, desejam os Vicentinos de Vila Real de Santo António testemunhar publicamente à generosa benfeitora o seu profundo reconhecimento e sincera gratidão, em nome dos nossos pobres.

Saldo da última publicação no nosso jornal . . . 79.911\$70

José Pereira Oliveira — donativo	100\$00
Alberto Oliva — donativo	100\$00
Dr. Humberto Martins — donativo	100\$00
D. Fernanda Le Cocq Abecassis — quota	250\$00
Jacinto Ribeiro — quota	25\$00
Anónimo — donativo	465\$00
D. Otília Rui Vinho — donativo	20\$00
D. Maria Quintino Romão — donativo	10\$00
D. Antónia Rafael — quota	50\$00
Prof. Francisco Joaquim Caldeira Alexandre — quota	60\$00
Anónimo (5. ^a prestação, perfazendo 20.000\$00) — donativo	3.000\$00
José Gabriel Mateus — quota	30\$00
José Borges Salas — quota	50\$00
Anónimo — donativo	1.000\$00
D. Alda Mendes — donativo	55\$00
Anónimo — donativo	300\$00
Secção da J. O. C. F. (Campanha do Natal)	1.000\$00
D. Catalina V. Rodrigues — quota	500\$00
Anónimo — donativo	10\$00
Anónimo, sufragando uma alma — donativo	300\$00
D. M. ^a Fernanda Bandeira — quota	50\$00
Sebastião Santos Silva — donativo	200\$00
Dr. Albano de Lencastre — quota	500\$00
Dr. Fernando Leonel Viegas Alvares — donativo	40\$00
Anónimo (6. ^a prestação, perfazendo 25.000\$00) — donativo	3.000\$00
José Leal Socorro — quota	50\$00
Aurélio Machado — quota	50\$00
Total	91.206\$70

mais ou menos educada, poderá, quanto muito, exigir uma programação mais cuidada que a habitual. Porém, com os novos rumos que o cinema vai tomando, longe como estamos dos grandes sucessos comerciais de Westerns baratas e filmes de espadeirada, de gosto mediocre, essa exigência poderá trazer benefícios à própria empresa, porquanto um espectador consciente consegue atrair novos espectadores.

Certamente, o problema não é assim tão simples como fica esboçado. Neste choque de interesses entre cine-clubes e salas de exibição comercial, encontramos em luta, afinal, os dois elementos antagónicos que têm acompanhado a evolução do cinema — o comércio e a cultura, o profissionalismo e o amadorismo, a indústria e a arte. O grande mérito está, porém, em con-

As listas, já publicadas, de donativos recebidos e que hoje continuamos, e as ofertas das duas casas a que ora aludimos são prova concludente do interesse geral pela obra.

O que não se pode de forma alguma compreender é que uma obra de assistência desta natureza, de tão profundo alcance social e cristão, não só não receba o auxílio do Estado, mas seja forçada a canalizar para o erário público parte das esmolas destinadas aos indigentes! Não podemos tomar outra atitude que não seja a de deplorar o facto.

Obteve a Câmara Municipal, do Ministério do Interior, autorização para ceder graciosamente ao Património dos Pobres o terreno onde as casas para os nossos indigentes estão a ultimar-se, que serão habitadas sem qualquer pagamento de renda. O Património, porém, se aceitasse a doação, teria que pagar ao fisco cerca de 30% sobre o valor provável do terreno! Recusámos. Preferimos comprá-lo, e devia ter-nos ficado, por isso, muito mais económico.

Isto vem para esclarecermos os nossos benfeitores, informando-os de que o terreno não nos foi cedido, mas comprado, e que adicionando o custo do terreno, as licenças de construção à Câmara, as sisas e avaliações às Finanças, já o Património dispendeu a soma de seis mil secentos e sessenta e três escudos e quarenta centavos.

Assim, não vamos mais além. Desistimos de novas construções.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.^a Série) LUSITANO, 2 — S. DOMINGOS, 1

Campo: Francisco G. Socorro.

Árbitro: M. Fortunato (A. F. Évora).

Lusitano; Viegas; Neves, Campos e Gonçalves; Mendes e Daniel; Parra, Padesca, Antunes, Travaços e Ludgero.

S. Domingos; Zarcos; Cipriano, Medeiros e Conceição; Fernandes e Teixeira; Luz, Gualdino, Rogério, Marques e Brás.

Aos 35 minutos da primeira parte, Travaços marcou o primeiro tento com um forte pontapé, a concluir uma jogada confusa junto das redes de Zarcos. Cerca dos 20 minutos do recomeço, o mesmo Travaços marcou, pela segunda vez, e, perto do fim, Teixeira estabeleceu o resultado.

Jogo muito correcto, mas de inferior nível técnico.

Esta vitória, em consequência da derrota sofrida pelo Sambrasense em Aljustrel, garante aos representantes do futebol local a necessária classificação para prosseguirem na disputa do actual campeonato da III Divisão.

Outros resultados:

Aljustrelense, 5 Sambrasense, 1 Lagos, — 1 Serpa, 2

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	9	7	1	1	31-10	15
Lusitano	9	5	3	1	23-16	13
Sambras.	9	4	1	4	24-23	9
S. Doming.	9	2	2	5	23-37	6
Aljustrel.	9	2	2	5	18-20	6
Lagos	9	—	5	4	15-28	5

Jogos para hoje:

Sambrasense - Lusitano S. Domingos - Lagos Serpa - Aljustrelense

Momento de Inquietação no Olhanense

O Olhanense ainda não tem dirigentes...

Enfim!... É já no próximo dia 1 de Abril — demorou, mas... — que se realizará a já aguardada Assembleia Geral do S. C. Olhanense, que terá como finalidade eleger os novos corpos gerentes.

Como deve ser do conhecimento geral, há já dois meses que o clube da vila cubista anda a navegar ao sabor das ondas, sem mestre a manejá-lo, o que tem criado à volta da colectividade um ambiente verdadeiramente crítico e de inquietação constante, e, porque não dizê-lo?... um dos momentos mais críticos da sua longa existência ao serviço do Desporto.

O momento, embora mais crítico no aspecto administrativo, também se tem reflectido na secção desportiva, conforme se prova com os desaires, inesperados, frente ao modesto mas brioso Juventude, da Cidade-Museu.

Mas, como fomos dizendo, os rubros-negros há dois meses que vivem abandonados de dirigentes, porque os que lá estavam terminaram o mandato. O Olhanense, após isso, realizou duas Assembleias quase consecutivas, para eleição de uma direcção, mas sem êxito, pois o conhecido clínico sr. dr. Joaquim Bernardino da Mata Arthur não desejou ser reeleito. A Assembleia não aceitou como consumada a decisão do distinto médico e tentou, por todos os meios ao seu alcance, demover do seu propósito o presidente da direcção cessante. Porém, em face da sua categórica escusa, teve de pensar no delicado problema da sua substituição, mas, sem êxito, pelo que esta, a terceira Assembleia num curto espaço de tempo, será, com certeza, a que elegerá finalmente uma direcção, embora o caso de eleger uma direcção esteja difícil...

Como o Olhanense, felizmente, conta entre os seus associados muitos elementos distintos, a decisão do referido médico não abalará certamente a vida do clube. Assim esperamos...

Creemos, sinceramente, que esta Assembleia elegerá os dirigentes que esforçadamente irão colocar o Olhanense, de novo, na posição a que tem jus.

Não interessa que seja A ou B. Apenas interessa que sejam sócios dedicados e cheios de boa vontade. É necessidade imperiosa para a vida do clube que realmente apareça uma direcção, pois o contrário

apenas vinha satisfazer o gosto e o capricho de alguns, que desejam, ardentemente, e não sabemos porquê?... que o clube venha a ser dirigido por tal processo. Uma coisa é certa: caso não apareça uma direcção, o Olhanense está na contingência de ser dirigido por uma Comissão Administrativa e tal facta viria a alegrar alguns, repetimos, os quais fariam festas e atirariam foguetes...

E nada mais. Que a Assembleia decorra num ambiente de solidariedade desportiva e que seja coroada de êxito, são os nossos votos.

Herculano Valente

Novos Corpos Gerentes do Portimonense S. Clube

Na sede do Portimonense Sporting Clube, teve lugar, no passado dia 11, a cerimónia da posse dos novos corpos gerentes daquela simpática agremiação desportiva, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Alberto V. Cauz; 1.^o secretário: Leonardo Mariano; 2.^o secretário: Enrico Furtado Guerra.

Direcção — Presidente: Dr. Rocha da Silveira; Vice-presidente: Dr. Rogério Alvo; Secretário-geral: Joaquim A. Conceição Pinto; 2.^o secretário: Luís Cabrita; Tesoureiro: Manuel V. Cabrita; Vogais: José Alves Soares e Nuno dos Reis. Suplentes: Acácio Cabrita e Guido M. Pereira.

Conselho Fiscal — Presidente: José Alves Glória; Secretário: Manuel Marques Dias; Relator: José F. Oliveira e Silva; Suplentes: Jorge Cartaxo e José C. Ribeiro.

Durante o acto usaram da palavra os srs. dr. Guerreiro de Matos e João Tavares, presidentes cessantes, respectivamente, da Assembleia Geral e da Direcção, que felicitaram os empossados, prometendo-lhes franca e leal colaboração, e os srs. drs. António Vicente da Cruz e Rocha da Silveira, que prometeram envidar os melhores esforços no sentido de levar a bom termo a missão de que foram incumbidos, agradecendo as referências que lhes haviam feito os directores cessantes.

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:

Apartado n.º 13 - FARO.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

ciliar os dois elementos. E assim como o cinema industrializado pode ser cultural, assim também gostaríamos de ver resolvida esta pendência, que vem retardando o desenvolvimento cine-clubista do País.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O saber—para o ser de verdade, em profundidade e não apenas superficialmente—tem de ser vivido em pessoa, em carne e osso, e não apenas através dos livros («fâcheuse suffisance qu'une suffisance purement livresque» — disse Montaigne, em regime memorialista. Ser apenas rica de palavras decoradas é estar na posse de uma riqueza constituída por cheques sem cobertura. Quem apenas sabe palavras desarticuladas da realidade flagrante é puro sticista. Foi o mesmo Montaigne, que atraz citamos, quem afirmou: «Sçavoir par coeur n'est pas sçavoir, c'est tenir ce qu'on a donné en garde en sa mémoire.»

FOME, SEDE E AMOR

Os animais comem quando têm fome, bebem quando têm sede, amam quando lhes chega a época própria. Só excepcionalmente pisam o risco da justa medida nesses capitulos. O instinto—que lhes regula a vida—não os deixa exorbitar.

Pois o homem, com a sua inteligência, como mesmo sem ter fome, bebe mesmo sem ter sede, e ama sem intermitências. Fome, sede e amor são essencialmente naturais nos bichos. Mas essa mesma fome, essa mesma sede, esse mesmo amor, considerados no homem, têm muito de artificiais. Quanto ao amor, quase se poderia dizer que é um produto literário da civilização.

PRESEÇA HUMANA

Certo sujeito confessava ser um excelente professor, assimilando com a maior das proficiências a matéria a leccionar, mas lutando com uma dificuldade invencível: a de fazer os seus cursos a gente de carne e osso. Os seus cursos eram excelentes, sim, mas se feitos a cadeiras desocupadas...

A esse «mestre» a presença humana fazia-lhe murchar o entusiasmo. Mas também existe o inverso—aquela casta de mestre que lecciona com vigor, com prazer, com proficiência, na medida em que fala coram pópulo, com a sala à cunha. A presença humana é para essa casta de professor um catalizador positivo.

COM A CHEGADA DA PRIMAVERA começaram em

Vila Real de Santo António

grandes obras de embelezamento

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a ter mais trabalho, as ruas mais movimento, as montas foram arranjadas e a Câmara Municipal, a quem, como é de justiça, cabe a maior parte do aforramento da vila, começou valiosas obras para o Turismo local.

Assim, no começo da rua Pinheiro Chagas, pela qual se faz a entrada e a saída da vila, foi aberto um amplo largo, tendo ao centro um triângulo ajardinado e junto à parede um gradeamento, numa combinação assás agradável.

As ruas que desembocam na Rua Teófilo Braga foram, no seu término ajardinadas, fazendo da vila um autêntico jardim aberto aos turistas. Frente ao edifício da Alfândega e da P. I. D. E., foi construído igualmente um amplo largo em semi-círculo, que servirá, em ocasiões de grande movimento, para parque de estacionamento, faltando-lhe apenas as placas obrigatórias de sinalização.

Encontra-se quase concluído o edifício do Apeadeiro do Caminho de Ferro, construído em moldes modernos, aspiração por que este jornal muito batalhou.

Na nossa Sala de Visitas, ou seja a Praça Marques de Pombal, a Câmara Municipal começou a tornar realidade uma grande aspiração de todos os vilarealenses, que é a reinteegração da Praça na traça primitiva, mandando erguer vários e artísticos candelieiros ao gosto e desenho da época, o que muito vem embelezar a nossa Sala de Visitas.

Vila Real prepara-se, pois, para receber condignamente os turistas, que em breve começarão a afluir.

A. de Mendonça

Visado pela Comissão de Censura

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gio para o dr. Ferreira de Almeida, mas... não encontrou nem a mais leve referência: para a Comissão Pró-Casa dos Algarvios; para o jornal «A Voz do Sul» (a quem a nossa Casa tanto deve); para o dr. Virgílio de Passos. Olhem que isto é singular! Mas, afinal, pretendia-se homenagear os reorganizadores?

No fim do ano de 1945, a luta era apenas conduzida pelos elementos atrás citados. O dr. Ascensão Contreiras, abordado, salvo erro, por Joaquim Nunes, julgou decerto que tudo o que se dizia não passava de sonho irrealizável e manteve-se afastado dos trabalhos.

Entretanto, a Comissão continuava recolhendo nomes e moradas e, em 25 de Dezembro, fazia publicar no semanário «O Algarve» a seguinte notícia: «Foi constituída em Lisboa uma Comissão encarregada de agrupar nomes, alvitres e opiniões acerca da Casa regional do Algarve, que se pretende criar na capital.

São, portanto, convidados todos os algarvios dispostos a contribuir para a organização da sua Casa regional a dar o seu apoio, enviando o seu parecer para a Comissão Pró-organização da Casa dos Algarvios — R. do Diário de Notícias, 98, 4.º — Lisboa, onde provisoriamente é recebida a correspondência.

A este apelo respondeu o dr. Ferreira de Almeida, afirmando-se «farense de alma e coração» e representante em Lisboa dos «Amigos de Faro». Era uma esplêndida apresentação.

Nessa carta, notável sob todos os pontos de vista, o insigne farense confessava que chegou a fazer uma tentativa para pôr de pé a Casa do Algarve. Mas, acrescenta, desanimou do seu intento, uma vez que o dr. Humberto Pacheco lhe declarou que colaborava sem tomar qualquer iniciativa, e isto porque... «foi ele quem pagou do seu bolso muitos contos de réis da antiga Casa, para honrar o Algarve».

Depois de se referir a uma tentativa de fusão da Casa do Algarve com a Casa do Alentejo (projecto a que a direcção deste último organismo se opôs), o dr. Ferreira de Almeida, em face da dura experiência, remata assim a sua carta:

«Não ocultarei a V. Ex.ª as dificuldades desta simpática empresa. As casas estão caríssimas. A Casa das Beiras está em sérios embarços; a do Alentejo aguenta-se com o rendimento de jogos lícitos, porque tem uma esplêndida casa de cinco contos por mês.

A Casa de Entre-Douro e Minho vive, porque conseguiu subarrendar parte da casa, ficando-lhe a renda grátis.

Poderá ser, e muito desejo, que V. Ex.ª tenham mais sorte, e com muito prazer flico ao vosso dispor».

Este documento é curiosíssimo. Prova ele, com exuberância, que um mês e meio antes da grande reunião da Casa do Alentejo (que marca a data da fundação da segunda Casa do Algarve), ainda o dr. Ferreira de Almeida estava descrente do bom êxito da Comissão. Por isso, desejava-lhe muita sorte.

Embora me arrisque a arrostar com as críticas de muita gente ilustre, não resisto à tentação de pôr em letra de forma o que penso de tudo isto, numa imagem pitoresca: A segunda Casa do Algarve faz-me lembrar, sob todos os pontos de vista, o novo Egipto. As cinzas da primeira Casa trazem-me à memória todo o artificialismo, atirado por terra, do rei Faruk. Dentro desta ordem de ideias (e para liquidar, de vez, toda a poesia do sr. Antero Nobre), a Comissão Pró-organização da Casa dos Algarvios foi, nos riscos como na ousadia, uma espécie de Conselho da Revolução, que tudo planeou. No que respecta ao dr. Ferreira de Almeida, esse foi a figura de prestígio que apresentou a coisa em público — portanto, uma espécie de general Naguib, sempre amimoso, sempre prestável, a quem, por isso mesmo, a segunda Casa do Algarve muito ficou devendo.

Como o sr. Antero Nobre acaba de ler, eu não nego o esforço daquelas pessoas a que ele mais directamente se referiu na sua palestra. Simplesmente, vejo a coisa com outros olhos, sem dis-

tinguir grandes e pequenos, ilustres e não ilustres. Para mim, o metro é igual ao litro. Vim aqui para fazer a história da segunda Casa do Algarve... e não quero que ninguém me fique em favores, porque não pretendo ser credor de gratidões.

A gratidão, sr. Antero Nobre, é um fardo que pesa como chumbo, mormente, porque obriga a um vaivém de elogios que se põem em letra de forma, mas não correspondem à verdade. Não, sr. Antero Nobre. Enquanto eu for eu, o metro é igual ao litro.

A carta do dr. Ferreira de Almeida demonstra-nos que ele, remetendo as cinzas da outra Casa, falhou redondamente. Apesar de representante dos «Amigos de Faro», apenas topou no seu caminho com o dr. Humberto Pacheco. Ah! Mas esse sentia-se horrivelmente queimado com o tal facho esplendoroso de luz e de calor, que deu assunto a 50% da palestra do sr. Antero Nobre.

E até aqui não fizemos batofa nenhuma. Encontra-se tudo escarrapachado em «O Algarve», na sua edição de 6 de Janeiro de 1946. Ah, o dr. Ferreira de Almeida confirma a existência de «muitos contos de réis de dívidas».

Muitos contos de réis?! Quantos? Sabe-se lá! O facho esplendoroso não sabia contabilidade! Quando se fez cinza, deixou em testamento um livro dourado! Contas feitas, nenhuma!... Aquilo era espírito do mais puro; portanto, refractário a números e a actas. O seu facho apagou-se, sem deixar, ao menos, uma simples relação de sócios!...

O sr. Antero Nobre vai dar por paus e por pedras, ao ler estas minhas conclusões. Mes eu não me importo nada com isso. Estou muito sereno, muito seguro e, ainda por cima, muito satisfeito de dar umas achegas para uma

história que a lenda tinha deturpado. E... para a frente é que é Lisboa!

Simultaneamente com a propagação nos jornais, foi distribuída uma circular impressa, pela qual se verifica que a ideia era ainda a da fundação da Casa dos Algarvios. Possivelmente ninguém acreditava que a cinza pudesse dar luz...

Nesse impresso (de que possuo um exemplar), estranha-se que não exista em Lisboa um organismo regional representante do Algarve e, logo a seguir, diz-se: «Para preencher esta lacuna, meia dúzia de algarvios tomaram o encargo de agrupar elementos, de modo a tornar possível uma reunião para nomear a Comissão Organizadora da nossa Casa Regional».

Nesta altura dos trabalhos ainda eram, apenas, meia dúzia os algarvios que lutavam. A ideia, porém, ia-se tornando conhecida, e a ela aderiram 70 estudantes universitários, todos algarvios. Depois, surgiu o apoio incondicional do escritor Julião Quintinha e do crítico de arte Roberto Nobre.

Até aqui, como manifestamente está provado, apenas nove indivíduos viviam os problemas da Casa que se pretendia pôr de pé: Os quatro componentes da Comissão (Nunes, Cravinho, Anacleto e Marcos), o dr. Virgílio Passos, o escritor Julião Quintinha, o crítico Roberto Nobre, e os não algarvios Luís Bonifácio e Aníbal Anjos. Mais ninguém!...

Assim se entrou no ano de 1956. E... a Casa do Algarve foi fundada (ou reorganizada!) a 20 de Fevereiro!

Sobre o que se passou nestes 51 dias, falaremos no próximo artigo. Para a semana há mais!...

J. Silva Carvalho

CARTA DE LONGE

MACAU E O PLANO DE FOMENTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Timor poderia ter em Macau um bom mercado para uma grande parte dos seus produtos.

A ligação destas duas províncias, tão distantes da Mãe-Pátria, seria de grande conveniência económica, financeira e até política.

Como já dissemos e repetimos, a Metrópole só nos dá vinhos, azeite e conservas. Não poderia Timor ser o celeiro de Macau? Contando com o mercado de Timor, não poderiam aqui desenvolver-se várias indústrias?

Estamos certos de que a ligação marítima entre as duas províncias seria o melhor início de um grande plano de fomento.

Ora o navio que viesse iniciar esta ligação deveria ser um barco para transporte de passageiros e carga, com frigoríficos para transporte de frutas, e, ainda, porões apropriados para transporte de animais — porcos, cabritos, carneiros, galinhas, etc., — cuja viagem se poderia realizar em sete dias, ou menos, consoante o seu andamento.

Se bem que em Macau nada falte, o que é certo é que a vida encarece dia a dia, sem que se tenha procurado debelar este pesadelo, que vem sucessivamente alarmando, especialmente, as classes menos remuneradas.

Tudo que aqui se consome vem de fora: sujeito, portanto, a taxas para as quais não há defesa possível, e, ainda, com a agravante de se não saber com o que se pode contar. É esta vida absolutamente fictícia que a província se arrasta, sob embargos que atrofiam todas as iniciativas que partem dos pequenos comerciantes e dos pequenos industriais.

É claro que, como acontece quase sempre, há quem tire proveito até das maiores calamidades; e nesta situação precária, ainda há quem se governe e vá aumentando os seus capitais, a ponto de se ter constituído uma nova sociedade por quotas, que, entre outros fins, vai exercer o comércio de importação e exportação, que oxalá seja o início de outras sociedades que se destinem aos mesmos fins.

O estabelecimento de uma carreira de navegação entre Macau e Timor não é uma ideia nova. Em 1906 havia um contacto entre o nosso Governo e uma compa-

nhia australiana de navegação, que recebia um subsídio para ligar as duas províncias, via Hong-Kong, pois não podiam vir a Macau esses paquetes que faziam a viagem entre a Austrália e o Japão. Eram barcos, para a época, muito razoáveis, não só nas suas instalações como na tonelagem que deslocavam. Neles fizemos duas viagens agradabilíssimas, que nunca esqueceremos — Hong-Kong a Timor, via Manila, em 1906, e de Timor a Hong-Kong, em 1908.

Com a implantação da República, revogou-se esse contrato, e, assim, ficaram separadas as duas províncias. Mais tarde, algumas tentativas se fizeram, sem que se verificasse qualquer proveito.

Teimando, pois, na ideia do estabelecimento de uma carreira de navegação entre as duas províncias, estamos certos de que grandes benefícios se poderiam colher, a bem da sua economia e do bem-estar das respectivas populações.

Não falando doutros géneros de alimentação, não podemos deixar de nos referir à fruta que se consome em Macau, que importada da América, da Austrália, do Japão, da Formosa, das Filipinas, etc., aqui chega por preços exorbitantes, quando em Timor há fruta, e boa, que chega para dar e vender. É quem diz fruta, diz muitas outras coisas mais, pois de tudo aquela província é rica e cheia de condições para se desenvolver e progredir.

Foi para a solução de problemas vitais que se criou o Plano de Fomento.

Estamos certos de que o ilustre Governador desta província, sr. comandante Pedro Correia de Barros, com as suas qualidades de mando, conhecimentos que tem da administração ultramarina, e com o seu espírito esclarecido e ponderado, estabelecerá novas directrizes na administração de Macau, a contento de todos aqueles que aguardam a sua chegada, com satisfação e confiança; e que o Plano de Fomento trará a esta longínqua parcela do Império Lusitano o progresso que merece.

Macau, Fevereiro de 1957.

José de Carvalho e Régio

UMA CRÔNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

é ser uma grande personalidade e merecer trato de Excelência. Quem não tem carro não é nada. Vale mais a pulga que vai de gato do que o mísero mortal que anda a pé ou no anacrónico e roncoiro eléctrico.

Ainda mesmo que o carro tenha de fazer paragens forçadas, por falta de dinheiro para a gasolina, ter carro é ter personalidade e esta avalia-se pelo modelo — mais ou menos antiquado. Sim!, porque um D. Elvira não dá mesmo personalidade nenhuma.

O melhor e mais aconselhável é começar por um modelo relativamente recente, que se compra em 2.ª (ou última) mão; depois, daí a dois ou três meses, troca-se por um novo, mais moderno, mais luxuoso — que se paga com o sacrifício alheio (os cães que se pregam) e o espanto próprio. Mas se quisermos atingir o zénite da importância e da personalidade, o que convirá será trocá-lo a seguir por um *espada* luxuoso e potente, do último modelo e com todas as inovações que a ciência e a técnica puseram à disposição do construtor.

Os negócios chorudos, que podem ser, e até convém que sejam, pouco lícitos, são um atributo, um extra indispensável ao carro, tais como os fatos de corte super-moderno, a amante *lollobrigida* e os *cachuchos* que dão nas vistas. A frequência das *boites* também é aconselhável.

Qualquer pessoa honesta, vestida com asseio mas sobriamente, sem carro, pode trazer muito dinheiro na carteira, que não vale nada — absolutamente nada. E ninguém lhe liga a mínima importância.

O velho caixeiro de praça, à antiga, tal como o viajante (e este é

NOTÍCIAS & APONTAMENTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

neficientes que, de modo oficial ou particular, assistem caridosamente aos mais pobres dos pobres da nossa terra?

Aí fica o alvitre, para estudo das pessoas interessadas nestes assuntos...

A POPULAÇÃO operária ao serviço da indústria de conservas de peixe, no centro de Vila Real de Santo António, cifrava-se, no final do ano passado, em 1.868 indivíduos. Destes, 1.546 pertencem ao sexo feminino.

O FUNDO Nacional de Abono de Família concedeu à Caixa de Previdência do Pessoal da firma Mason and Barry, Lda, um subsídio de esc. 750.000\$00 para cobrir o «déficit» que no ano de 1956 apresentava a respectiva conta da referida Caixa de Previdência.

PARA as obras a realizar no Campo Atlético do Lusitano F. C. foram já recebidas pela respectiva comissão diversas importâncias que, nesta data, totalizam a quantia de esc. 1.874\$50.

COMO habitualmente sucede, neste período anual do chamado «defeso», iniciou já o respectivo movimento a cantina distribuidora de duas refeições diárias aos filhos dos sócios do Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Peixe desta vila, organização que conta com o decisivo apoio material do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Sotaventado do Algarve.

São beneficiadas por esta obra mais de 600 crianças de ambos os sexos, com idade e frequência escolares,

ainda mais inconcebível), que chega a casa do freguês com a volumosa mala na mão e o embrulho debaixo do braço e que utilizou o eléctrico, ou mesmo o autocarro, ou, no caso do viajante, o comboio ou a camioneta, é literalmente corrido. Mas se parou o *espada* à porta do freguês e vai buscar a pequena e luxuosa pasta ao carro, todas as facilidades lhe são dadas e o freguês sente-se na obrigação de lhe dar uma encomenda. Há ainda aqueles que trazem um criado para ir buscar a pasta ao carro! Ao que isto chegou!

Se o honesto comerciante, que sempre pagou aos seus fornecedores a tempo e horas, se resolve a tentar comprar directamente a um fabricante e vai à fábrica de eléctrico ou de combóio, é recebido com indiferença e raramente lhe ligam importância, mas se qualquer oportunista chega de carro, nunca deixa de ser servido, ainda que isso represente para o fabricante algumas dezenas ou centenas de contos que se percam na voragem das negociações, próprias do momento presente em que a vida é uma panaceia.

Se o inquilino tem carro, a porteira ocorre, solicita, a abrir-lhe a porta, a dar os bons dias, as boas tardes ou as boas noites a V. Ex.ª.

Mas, para que prosseguir? A fobia do automóvel absorve a vida presente, uma vida fictícia e torpemente existencial.

Lá virá o tempo em que andar de avião será o *chic*, terá muito maior importância e dará muito mais personalidade e destaque social. Mas esta época só poderá criar raízes quando os aviões puderem pousar num pequeno espaço, andar pelas ruas, bem aos olhos de toda a gente, e venderem-se a prestações — principalmente quando as prestações — ou facilidades de pagamento, que é forma mais distinta de dizer o mesmo — forem pequenas e não houver necessidade de dar «entradas», nem fiador, como acontece agora com os carros.

Será essa a época em que terei automóvel, porque então serão tão baratos que poderei pagá-lo a pronto e ter dinheiro para mantê-lo.

Além de tudo o mais, um carro a pronto é um carro diferente.

José dos Santos Marques

«O PAPEL DAS BIBLIOTECAS na Profilaxia Mental»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tórico, geográfico, económico e mental. A dialéctica das mentalidades. Mentalidades de vanguarda (nas cidades) e tradicionalistas (provinciana). O problema das gerações. Instituições sociais consideradas na sua objectividade sociológica e sua posição em face do problema das mentalidades. Vícios fundamentais da mentalidade. A inibição intelectual e prostração moral do nosso tempo. O prejuízo dos dualismos. As bibliotecas como instituições centrais para a actualização da mentalidade. Necessidade de modernizar o conceito das bibliotecas. Sua importância cultural, social e pedagógica. Carência de uma intensa rede bibliotecária paralela da rede escolar e de clubes desportivos.

Ao espírito lúcido do nosso ilustre colaborador, a quem se ficou devendo a extraordinária obra de divulgação cultural que se chamou a «Biblioteca Móvel», não foi difícil entusiasmar a assistência, que soube agradecer a sua autorizada lição com fartos aplausos.

Está, pois, de parabéns a prestimosa Liga Portuguesa de Profilaxia Social, cuja obra grandiosa merece o carinhoso amparo de todos os portugueses e que por eles seja conhecida e reconhecida.